

**“Então, qual Brasil é esse que nos ensinam na escola?”:
construindo um outro Brasil a partir de escritores negros e
indígenas no Ensino Médio**

**"So, which Brazil are we taught about in school?": Building another Brazil
from black and indigenous writers in High School**

Wheber Mendes dos Santos

Resumo: O artigo que se segue narra a experiência no componente “Formação do Povo Brasileiro”, especialmente em uma sequência didática que propôs problematizar a produção da historiografia brasileira como uma forma de legitimar a dominação de um homem cisgênero, heterossexual, branco e burguês. Propomos uma forma de ocupar o dispositivo histórico e produzir a diferença.

Palavras-chave: dispositivo; povo brasileiro; ocupar.

Abstract: The following article recounts the experience in the "Formation of the Brazilian People" component, especially in a didactic sequence that aimed to problematize the production of Brazilian historiography as a way of legitimizing the dominance of a cisgender, heterosexual, white, and bourgeois man. We propose a way of occupying the historical device and producing difference.

Keywords: device; Brazilian people; occupation.

Introdução

O processo de elaboração da história envolve uma complexa interação entre o historiador, responsável por produzir a narrativa histórica, e o texto historiográfico, resultante da influência do imaginário desse indivíduo. Conforme Michel de Certeau (1982) destaca, trata-se de um processo intelectual que requer análise crítica de fontes históricas, construção de argumentos baseados em evidências e contextualização dos eventos e processos históricos. Esta dinâmica é fundamental para a compreensão das narrativas históricas, que são inevitavelmente moldadas pelos contextos sociais, políticos e culturais em que são escritas, revelando a subjetividade intrínseca à prática historiográfica.

Os historiadores, ao examinarem fontes históricas, buscam reconstruir eventos, compreender as motivações dos atores históricos e analisar as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo. No entanto, a narrativa histórica não é neutra, pois é moldada pelo contexto social, político e cultural em que é escrita, e a memória é transmitida com uma



pretensão de verdade para o papel (Certeau, 1982). Ao redigir a história, o historiador utiliza linguagem e representação para moldar o passado, fazendo escolhas linguísticas e narrativas influenciadas por diversos fatores. Elementos como linguagem e representação tornam-se cruciais na medida em que a narrativa histórica entra no domínio da ficção, dado o acesso limitado ao conhecimento do passado através das fontes.

Esta pesquisa teve como objetivo principal analisar a interseção entre a produção historiográfica e as estruturas de poder, destacando como a narrativa histórica é influenciada por contextos sociais, políticos e culturais específicos e apontar caminhos possíveis no seu uso dentro da sala de aula como uma ferramenta de reflexão política. Buscou-se compreender como os dispositivos históricos moldam as narrativas e perpetuam hierarquias de poder, explorando a relação entre realidade e ficção na escrita da história. Além disso, o artigo pretendeu discutir a "vontade de verdade" e os regimes de verdade que validam determinadas narrativas históricas enquanto marginalizam outras e como estas marginalizações podem ganhar outros contornos na escola.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa utilizará uma abordagem interdisciplinar, combinando análise crítica de textos teóricos e historiográficos com a proposta de um estudo de caso que exemplifiquem as práticas de produção historiográfica. O primeiro passo foi a revisão e interpretação de textos teóricos e historiográficos que discutem a produção da história, a construção da verdade e as relações de poder na narrativa histórica. Posteriormente, o exame detalhado de exemplos específicos de narrativas históricas que ilustram a insurgência política de personagens silenciados na historiografia brasileira.

Esta metodologia permitirá uma compreensão aprofundada das dinâmicas que envolvem a produção historiográfica brasileira, revelando as complexidades e as influências subjacentes que moldam a narrativa histórica dominante. Ao final, espera-se contribuir para o debate sobre a necessidade de uma abordagem mais crítica e reflexiva na escrita da historiografia em sala de aula, que reconheça e desafie as estruturas de poder e as hierarquias tradicionais perpetuadas pela historiografia hegemônica.



Essa prática política originou-se de um desdobramento do estágio supervisionado em Licenciatura em História, no Ensino Médio, realizado no primeiro semestre de 2023, em uma escola da rede pública estadual de Alagoas. Ao longo desse período pude experimentar possibilidades de trabalho com uma historiografia contra-dominante e insubmissa.

Do dispositivo histórico: pensando uma escrita da História

O processo de elaboração da história envolve uma complexa interação entre o historiador, responsável por produzir a narrativa histórica, e o texto historiográfico, resultante da influência do imaginário desse indivíduo. Conforme Michel de Certeau (1982) destaca, trata-se de um processo intelectual que requer análise crítica de fontes históricas, construção de argumentos baseados em evidências e contextualização dos eventos e processos históricos.

Os historiadores, ao examinarem fontes históricas, buscam reconstruir eventos, compreender as motivações dos atores históricos e analisar as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo. No entanto, a narrativa histórica não é neutra, pois é moldada pelo contexto social, político e cultural em que é escrita, e a memória é transmitida com uma pretensão de verdade para o papel (Certeau, 1982).

Ao redigir a história, o historiador utiliza linguagem e representação para moldar o passado, fazendo escolhas linguísticas e narrativas influenciadas por diversos fatores. Elementos como linguagem e representação tornam-se cruciais quando o historiador, ao narrar os acontecimentos, entra no domínio da ficção, dado o acesso limitado ao conhecimento do passado através das fontes.

Conforme Certeau (2012) argumenta, realidade e ficção estão interligadas, com a realidade sendo construída por práticas discursivas, narrativas e representações simbólicas, frequentemente encontradas na ficção. Nesse sentido, elementos ficcionais e tramas por trás da escrita histórica são muitas vezes excluídos da reflexão sobre a formulação do passado,



evidenciando que a historiografia está em busca constante de uma verdade universal, intimamente ligada à necrobiopolítica e ao Estado Moderno.

A "vontade de verdade", conforme Veyne (2000), está intrinsecamente ligada à busca contínua da verdade como guia central no discurso ocidental. A verdade é construída historicamente e socialmente, sustentada ou subalternizada pelas relações de poder expressas por práticas discursivas (Foucault, 1996). Regimes de verdade são maneiras de estabelecer o funcionamento do poder na sociedade, validando narrativas específicas como verdadeiras.

A formulação de "séries epistêmicas" refere-se a um conjunto de conhecimentos, conceitos ou teorias sedimentados e organizados canonicamente para o estudo de um objeto. Segundo Foucault (1996) e Veyne (2000), regimes de verdade são estruturas de poder que determinam quais narrativas são consideradas verdadeiras. O historiador, assim, encontra-se entre a sedimentação de métodos para o conhecimento e a validação de seus escritos pelos regimes de verdade que determinam o que deve ou não ser considerado "História".

O conceito de "hábito", presente na obra de Deleuze (2006), é evocado como uma forma de controle e regulação social na produção historiográfica. Os hábitos moldam os indivíduos, limitando suas possibilidades de ação e subjetividade. Há um hábito no fazer historiográfico que persegue, encerra, silencia e distorce, em prol da conservação de estruturas de poder necrobiopolíticas.

Os sujeitos produtores de conhecimento historiográfico, em sua maioria, são homens cis-heteronormativos, brancos e europeus (ou descendentes), escrevendo sobre si, a partir de si e para seus pares, tornando essa escrita o padrão historiográfico universal. Esse hábito de produção cria poder, status, verdades, memórias, riqueza e conservação da posição de dominância desses corpos nos eixos epistêmico, social, econômico e político.

O homem europeu e seus descendentes proferem discursos a partir de si, criando saberes que carregam consigo um efeito de verdade sobre o Outro (Kilomba, 2019). No âmago das ciências está um projeto bem delimitado e bem



sucedido: manter esse homem em uma posição dominante, no *status quo*, precarizando saberes que ameaçam sua posição discursiva. Essa lógica incute na subdeterminação e extermínio de saberes, identidades e sujeitos dissidentes no processo de escrita da História, vinculado ao Estado-Nação e suas redes tecnológicas de poder.

Os passados dissonantes foram suprimidos pela historiografia hegemônica como forma de higienização social, desdobrada da modernidade necro-biopolítica (Bento, 2018). O genocídio, que acompanhou a expansão europeia, foi também um epistemicídio, eliminando formas de conhecimento estranho sustentadas por práticas sociais e povos estranhos. Essa visão da História se manifesta em componentes de ensino, lugares de memória, pesquisa e Teoria da História, ferramentas que, hegemonicamente, têm um papel conservador, centrado em um sujeito branco, cis-hetero e masculino.

Em diversos momentos da historiografia, populações dissidentes são consideradas objetos de pesquisa, desprovidas de humanidade e inteligência. Há um processo de silenciamento e desqualificação de suas presenças nas narrativas historiográficas, mantendo o passado indefinido dentro das grandes narrativas que imortalizam as continuidades do domínio branco, cis-hetero e masculino.

O dispositivo² histórico (Santos, 2023) é compreendido como um conjunto de elementos, estruturas e práticas que moldam a produção e a interpretação do conhecimento histórico em uma determinada época ou contexto. Ele envolve tanto aspectos materiais quanto simbólicos, desde instituições educacionais até políticas de memória, todos seguindo interesses necrobiopolíticos. Esse dispositivo permite compreender que o conhecimento histórico não é neutro, mas construído em contextos específicos, permeado por relações de poder.

Ao reconhecer o dispositivo histórico (Santos, 2023), é possível compreender que o conhecimento histórico não é neutro, mas construído em contextos específicos, permeado por relações de poder. O dispositivo histórico abrange sistemas de poder presentes na produção histórica, como controle sobre arquivos



Por uma profanação do dispositivo histórico (DH) e o Ensino de História como possibilidade de desassujeitar corpos.

Os dispositivos, intrínsecos à produção de subjetividades, assumem diversas facetas, sendo categorizados em dimensões específicas e estão imersos nas relações de poder. Agambem (2006) destacou a existência de dispositivos sagrados e profanos, categorias que lançam luz sobre a complexidade dessas estruturas na configuração do dispositivo histórico (Santos, 2023).

Os dispositivos¹ sagrados são aqueles que são formulados e servem ao *status quo*, a normalização e perpetuam o hábito (Deleuze, 2006). Nesse contexto, a história é moldada de acordo com as perspectivas, valores e interesses de um grupo hegemônico, como vimos anteriormente, consolidando-se como um dispositivo que legitima as narrativas dominantes e reforça as hierarquias estabelecidas. Esses dispositivos sagrados se tornam mecanismos fundamentais para a construção de uma visão de mundo hegemônica, perpetuando as histórias e interpretações que atendem aos interesses normativos.

Por outro lado, os dispositivos profanos (Agambem, 2006) são concebidos com o propósito explícito de proporcionar às populações dissidentes momentos de práticas de liberdade. Esses dispositivos representam uma forma de resistência, criados para possibilitar espaços e narrativas alternativas que desafiam as estruturas de poder vigentes, oferecer momentos de liberdade. Ao profanar o dispositivo histórico, questionamos uma História hegemônica e buscamos resgatar vozes silenciadas, corpos assujeitados, promovendo uma pluralidade de perspectivas e experiências.

No contexto do ensino de história, a ocupação do dispositivo histórico torna-se uma oportunidade crucial para criar resistências e desafiar as normas estabelecidas. Ao ocupar o dispositivo histórico de maneira política, corpos dissidentes podem encontrar no ensino de história um espaço de resistência, onde os estudantes podem questionar, explorar e reconstruir narrativas. Isso não apenas amplia a compreensão dos acontecimentos passados, mas

¹ Dispositivo nesse contexto aparece como um conjunto de práticas que são capazes de produzir subjetividades, conforme afirma Foucault (1996).



também empodera os aprendizes a se tornarem agentes ativos na construção do conhecimento histórico e do processo histórico, desafiando as estruturas de poder. O que proponho aqui é uma profanação dispositiva.

Resultados dessa profanação

O estágio consistiu em acompanhar de perto o professor de História em seu itinerário diário, imergindo-me totalmente nas atividades propostas. De maneira significativa, o professor confiou-me um componente curricular específico para que eu conduzisse as aulas, permitindo-me não apenas ministrar conteúdos, mas também elaborar atividades que visavam instigar um pensamento crítico, transcendendo o convencional.

Assumir a responsabilidade por uma parte do currículo proporcionou-me a oportunidade única de desenvolver e aplicar estratégias pedagógicas de maneira prática. Durante as aulas, busquei não apenas transmitir informações, mas também fomentar o questionamento e a reflexão por parte dos alunos, incentivando-os a explorar diferentes perspectivas e a compreender a relevância histórica das temáticas abordadas.

Ao realizar essa imersão na prática docente, pude perceber a importância de adaptar minha abordagem de ensino às necessidades e características individuais dos alunos. A interação direta com os estudantes possibilitou-me compreender a diversidade de experiências e bagagens culturais presentes na sala de aula, reforçando a importância da inclusão e da valorização da pluralidade.

Nesse caminho, o professor viu a necessidade que eu conduzisse o componente curricular de Formação do Povo Brasileiro, o propósito fundamental consistiu em proporcionar aos alunos uma compreensão não apenas superficial, mas verdadeiramente aprofundada da complexa construção da identidade nacional brasileira. Durante o estágio, fui desafiado a ir além da transmissão de informações, buscando desenvolver estratégias de ensino que não apenas transmitissem conhecimento, mas que também estimulassem de maneira significativa o pensamento crítico e a reflexão ativa sobre a riqueza da diversidade cultural e histórica do país.



Ao lecionar a disciplina de Formação do Povo Brasileiro para os estudantes do 2º ano do ensino médio, tive a oportunidade de explorar a riqueza histórica e cultural do Brasil, mergulhando nas origens e processos que moldaram a sociedade brasileira como a conhecemos hoje.

Desde o planejamento das aulas, meu objetivo principal foi despertar o interesse dos alunos pela história do Brasil, incentivando a reflexão crítica e a compreensão dos diferentes aspectos que constituem a identidade nacional. Utilizei recursos variados, como textos, imagens, vídeos, músicas e obras de arte, para proporcionar uma imersão multidimensional na temática.

Ao abordar a formação do povo brasileiro, priorizei uma abordagem interdisciplinar, conectando a História com outras disciplinas, como Geografia, Sociologia, Literatura e Artes. Isso permitiu aos estudantes uma compreensão mais ampla dos processos históricos, sociais e culturais que contribuíram para a construção da identidade brasileira.

Promovi atividades que estimularam o pensamento crítico e a participação ativa dos alunos. Realizei debates, pesquisas, análise de documentos históricos, leitura e interpretação de textos, resolução de problemas e produção de trabalhos individuais e em grupo. Essas atividades permitiram aos estudantes aprofundarem seu conhecimento sobre a diversidade étnica, cultural e regional do Brasil, bem como refletirem sobre questões de inclusão, preconceito e desigualdade social.

Destaquei também a importância da valorização das diferentes culturas e contribuições étnicas presentes na formação do povo brasileiro, como as influências indígenas, africanas, europeias e asiáticas. Essa abordagem multicultural permitiu aos alunos desenvolverem uma consciência crítica em relação às desigualdades históricas e desafios enfrentados pela sociedade brasileira.

A avaliação foi realizada de maneira diversificada, combinando provas escritas, trabalhos individuais e em grupo, apresentações orais, projetos de pesquisa e participação ativa em sala de aula. Busquei fornecer *feedbacks* individualizados, valorizando o esforço, o crescimento e a participação dos estudantes.



Ao longo do processo de ensino, deparei-me com desafios, como a desconstrução de estereótipos raciais e de gênero e a promoção de uma visão crítica sobre a história oficial do Brasil. Para superar esses desafios, estimulei o diálogo aberto, o respeito às diferentes perspectivas e o desenvolvimento de uma postura crítica embasada em evidências históricas.

Foi gratificante observar o engajamento e a evolução dos estudantes ao longo do período letivo. Pude testemunhar a ampliação de sua consciência histórica e sua capacidade de compreender a complexidade e a diversidade da formação do povo brasileiro. Além disso, muitos alunos demonstraram interesse em aprofundar seus estudos sobre a história do Brasil, demonstrando um impacto positivo em sua formação.

A sequência didática a seguir foi desenvolvida para o componente curricular "Formação do Povo Brasileiro" no 2º ano do ensino médio. Essa sequência tem como objetivo promover a compreensão das influências étnicas, culturais e históricas na formação da identidade brasileira, abordando temas como a miscigenação, as migrações, as resistências e as desigualdades sociais. As atividades estão distribuídas ao longo de 3 aulas.

Na primeira etapa desta sequência didática, iniciamos nossa jornada explorando as ricas nuances da canção "Coisas do Brasil", de Rincon Sapiência (2014), em uma experiência musical que transcendeu os limites da sala de aula. A música, que carrega consigo as batidas vibrantes da cultura brasileira, serviu como ponto de partida para mergulharmos nas complexidades e diversidades que compõem o mosaico cultural do nosso país. Nessa aula os alunos expressaram o que eles sentiram ao escutar a músicas e eles puderam expor como eles viam o Brasil.



Figura 1: aula e debate sobre Coisas do Brasil



Fonte: autor, 2023

Na segunda aula, dei um passo adiante, proporcionando aos alunos a oportunidade de escolherem um material específico para análise e fichamento. Entre os livros escolhidos por eles estavam “O perigo de uma história única” de Chimamanda Ngozi Adichie (2009) e “A vida não é útil” de Krenak (2020). Uma escritora negra e um escritor indígena que observam e criticam as formas de narrativas únicas que aprisionam as suas vivências. Essa forma de escrita foi ao encontro de minhas intenções nesse espaço.

Esta atividade não apenas estimulou a autonomia dos estudantes, mas também permitiu uma abordagem mais personalizada, conectando-se diretamente com seus interesses individuais. O foco da discussão concentrou-se na formação étnico-racial do Brasil, discutindo raça, gênero e sexualidade, oferecendo uma plataforma para reflexões profundas sobre as origens e a interconexão das diversas identidades presentes em nossa sociedade.

Em um convite à autenticidade e autorreflexão, na mesma aula, solicitei que os alunos escrevessem a história deles, explorando suas próprias identidades raciais. Este exercício, além de promover uma compreensão mais íntima das experiências individuais, propiciou um ambiente de diálogo aberto sobre as complexidades da identidade racial, incentivando a compreensão do seu lugar racial.

Na terceira etapa, nossa jornada ganhou forma física e visual com a realização de colagens dos autores. Este processo criativo permitiu que os

alunos expressassem artisticamente suas interpretações das identidades étnico-raciais, consolidando visualmente as discussões e reflexões promovidas nas aulas anteriores. As colagens tornaram-se uma manifestação tangível das vozes individuais, contribuindo para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo e diversificado.

Figura 2: Aula da Colagem



Fonte: Autor, 2023

Para coroar o nosso trabalho, as colagens foram expostas na escola, proporcionando a criatividade dos alunos, mas também uma oportunidade de compartilhar as diversas perspectivas e histórias que emergiram ao longo do processo. Essa exposição não apenas enriqueceu o ambiente escolar com a diversidade de vozes, mas também incentivou a comunidade a refletir sobre as

complexidades da identidade racial, promovendo um diálogo contínuo e construtivo sobre essas questões essenciais em nossa sociedade.

Considerações Finais

A jornada pelo componente "Formação do Povo Brasileiro" revelou-se uma experiência enriquecedora e desafiadora, marcada pela busca constante de repensar e reconstruir narrativas históricas. Ao nos depararmos com a pergunta "Qual Brasil nos ensinam na escola?", propusemos uma investigação profunda sobre a historiografia brasileira, buscando desvendar as estruturas de poder que moldaram a construção do conhecimento histórico.

A sequência didática desenvolvida proporcionou um espaço de possíveis reflexões e desconstruções de estereótipos arraigados na história oficial. Ao problematizar a figura do historiador como um sujeito majoritariamente cisgênero, heterossexual, branco e burguês, buscamos subverter as normas e ocupar o dispositivo histórico de maneira profana.

A ocupação do dispositivo histórico revelou-se como uma estratégia poderosa para desafiar as narrativas hegemônicas, abrindo caminho para a promoção da diversidade e pluralidade de vozes. A introdução de escritores negros e indígenas no Ensino Médio proporcionou uma visão mais abrangente da formação do povo brasileiro, destacando a riqueza das contribuições étnicas e culturais que foram historicamente marginalizadas.

Ao longo dessa jornada, os estudantes não apenas absorveram informações, mas também se tornaram agentes ativos na desconstrução de visões estereotipadas sobre a história do Brasil. A abordagem interdisciplinar permitiu uma compreensão mais profunda dos processos históricos, sociais e culturais que influenciaram a identidade brasileira.

A diversificação das atividades pedagógicas, incluindo debates, pesquisas, análises documentais e expressões artísticas, contribuiu para um aprendizado mais holístico e envolvente. A avaliação diversificada, valorizando não apenas o conhecimento factual, mas também o pensamento crítico e a participação ativa, refletiu nossa abordagem pedagógica centrada no aluno.

Ao concluir esta experiência, reconhecemos os desafios enfrentados na desconstrução de paradigmas e na promoção de uma visão crítica da história oficial.

No entanto, os resultados positivos, manifestados no engajamento dos estudantes e na construção de um ambiente escolar mais inclusivo, reforçam a importância de persistir nesse caminho.

Em última análise, ao nos questionarmos sobre "Qual Brasil nos ensinam na escola?", não apenas desvendamos as amarras de uma historiografia dominante, mas também delineamos um caminho promissor para uma educação histórica mais plural, crítica e inclusiva. O desafio persiste, mas a busca por um "outro Brasil" revela-se como um compromisso essencial na formação de cidadãos conscientes e participativos em nossa sociedade diversa.

Referências

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **Qu'est-ce qu'un dispositif**. Paris: Payot e Rivages, 2006.

BENTO, B. Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?. **Cadernos Pagu**, Campinas -SP, v. 53, online, fev, 2018.

CERTEAU, M. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **História e Psicanálise: entre ciência e ficção**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

FOUCAULT. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

KRENAK, A. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, Wheber Mendes. **A História Como Dispositivo Necro-Biopolítico De Produção De Subjetividades Dissidentes: Poder, Subjetivação E Narrativas De Sujeitos/as/es Coloniais**. 2023. 55 p. Trabalho de Conclusão de Curso - UNEAL, Arapiraca.

SAPIÊNCIA, R. **Coisas do Brasil**. Sony Music Entertainment, 2014. Disponível



em:[318](https://www.google.com/search?q=coisas+do+brasil+rincon+sapiencia&rlz=1CAUSZT_enBR1027BR1027&oq=coisas&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCAgAEEUYJxg7MgglABBFGCcYOzIMCAEQRRg5GLEdGIAEMgclAhAuGIAEMg0IAxAuGK8BGMcBGIAEMgoIBBAAGLEDGIAEMgclBRAAGIAEMhAIBhAAGIMBGLEDGIAEGIoFMgYIBxBFGD3SAQgxNDUxajBqOagCALACAA&sourceid=chrome&ie=UTF-8#:~:text=Imagens,RINCON%20SAPI%3%8ANCIA%20%2D%20Coisas%20de%20Brasil%20(clipe)%20%2D%20part.%20Denna%20Hill,-https%3A/www.youtube. Acesso em: 27 de nov. 2023.].</p></div><div data-bbox=)

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história:** Foucault revoluciona a história. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

Sobre o autor

Wheber Mendes dos Santos

whebeer@gmail.com

Psicanalista, Historiador, Professor de História e Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (UFS) na linha de Sociedade, Subjetividades e Pensamento Educacional. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). É membro dos grupos Balbucios: Gaguejar uma Infância?(UFS) e Grupo de Estudos e Pesquisas Educacionais (GEPE-Uneal).

